

SOBRE OS QUE ESTÃO À MARGEM: UMA CHAVE PARA ADENTRAR À OBRA DE JOSEFINA PLÁ

Andre Rezende Benatti¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo dar uma perspectiva para a leitura da obra da artista hispano-paraguaia Josefina Plá. Ícone da cultura paraguaia do século XX, Josefina Plá desenvolve toda uma obra literária e artística dando voz aos sujeitos marginalizados de seu país de adoção. Em suas obras, Plá elege a cultura popular guaraní e as questões relativas à condição da mulher paraguaia como ponto de partida para as discussões que estavam, de alguma forma, adormecidas no país. Tendo como ponto de partida a trama que envolve a obra de Plá, buscaremos nos atentar a questões chave para a leitura de sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Josefina Plá; Margem; Literatura Paraguaia.

ON THOSE WHO ARE ON THE MARGIN: A KEY TO ENTERING THE WORK OF JOSEFINA PLÁ

ABSTRACT: This article aims to provide a perspective for reading the work of the Hispanic-Paraguayan artist Josefina Plá. An icon of 20th century Paraguayan culture, Josefina Plá develops a whole literary and artistic work giving voice to the marginalized subjects of her adopted country. In his works, Plá chooses Guaraní popular culture and issues related to the condition of Paraguayan women as a starting point for discussions that were, somehow, dormant in the country. Starting from the plot that involves Plá's work, we will try to pay attention to key questions for the reading of his work.

KEYWORDS: Josefina Plá; Margin; Paraguayan Literature.

A palavra “trama” remete a conceitos dos mais diversos. Podemos pensar naquilo que se encarrega das ações que as personagens desenvolverão na história em que

1 Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Professor adjunto - nível IV da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: andre_benatti29@hotmail.com

estamos lendo, por exemplo, ou em conceitos que ligam a trama ao antigo ofício da tecelagem.

O sentido metafórico da palavra trama extrapola o limite tanto da definição que a liga ao enredo literário, quanto da que a liga à tecelagem. É pela trama que se fazem os tecidos, sejam literários ou não. A trama, na tecelagem, é o que se refere aos pequenos espaços que existem entre os fios quando se fabrica um tecido. Se a trama é menor, temos espaçamentos menores entre si, se a trama é maior, temos espaçamentos maiores.

Na tecelagem, aqui pensamos o tecer como metáfora da criação artística, são necessários, diferentemente do tricô, dois fios que irão compor a trama e darão origem ao tecido, depois de entrelaçados. O ato de tecer, assim como o da linguagem, acompanha o desenvolvimento da humanidade desde seus primórdios e, também como a linguagem, foi desenvolvido das mais diversas maneiras pelos diferentes povos. Com a metáfora do ato tecer, da construção da trama, que por meios de dois diferentes fios compõe um tecido, novo, repleto de pequenos espaços cada qual cumprindo seu papel, é que buscamos a criação literária e artística da América Latina e impõe-se algumas perguntas: Como o tecido cultural latino- americano se faz? Quem o tece? Quais são os fios que compõem esta trama tão heterogênea chamada América Latina?

Dessa forma, buscamos nos acercar da interessante trama artística de Josefina Plá, artista hispano-paraguaia. Assim considerando a amplitude da obra de Plá, que perpassa os diversos gêneros da escrita e também se desenvolve nas artes plásticas, decidimos nos centrar nesta fala em sua obra narrativa. Tendo em vista grande parte de sua narrativa, tentaremos traçar um parâmetro que se faz presente na obra de Plá.

Os fios que compõem o tecido da obra de Josefina Plá passam pelos viéses da marginalidade e da exclusão, e poderíamos dizer que são estes os dois fios principais da trama de sua obra.

Nesta medida, não podemos deixar de pensar na violência que se faz e/ou exerce sobre aqueles que estão à margem. As interessante representação da sociedade paraguaia feita por Josefina Plá versa sempre sobre os oprimidos, sobre os excluídos, sobre aqueles que, de alguma forma, estão expostos a sofrerem todo tipo de abusos. Talvez possamos pensar na obra de Plá enquanto representativa de uma marginalidade violentada.

O que sabemos da violência? Como muitas das noções que provem das ciências humanas, a violência constitui uma noção incerta, que sempre se prende ao ponto de vista de quem fala. Esta é a razão pela qual, em virtude da divergência de pontos de vista, ela

também muda de nome. De acordo com Jacque Leenhardt (1990, p. 13), “O que uns denominam de “manutenção da ordem”, outros vêem como uma manifestação legítima da violência. O que publicitários chamam de “livre informação do público”, outros denunciam como manipulação violenta dos cidadãos transformados em consumidores alienados. Em *Literatura, violência e melancolia*, Jaime Ginzburg entende a violência “como uma situação agenciada por um ser humano ou um grupo de seres humanos, capaz de produzir danos físicos em outro ser humano ou outro grupo de seres humanos” (GINZBURG, 2013, p. 11), o crítico entende a violência, na referida obra, como um fenômeno que inclui dano ao corpo, que o machuca, mutila e/ou leva à morte.

Violência nunca compreende a comparação de duas experiências, no entanto o significativo sobrenada em toda ação social. Embora pareça, a nós, um absurdo, somente no meio social totalitário o ser humano não conhece a noção de violência, pois ele só reconhece a posição de quem ocupa o poder. E aqui tomamos as concepções de Hannah Arendt, em *Sobre a Violência* (2011), nas quais a filósofa distingue violência de poder, que na ausência deste é que a violência se faz, e como se pode ser percebido por meio da história, os regimes totalitários são regidos pelo poder extremo de seus governantes, logo os dominados, submersos no regime, não conseguem ter a noção da violência.

Por conseguinte, o que nós, cidadãos de “mundos” teoricamente divididos e conscientes, chamamos de violências, os habitantes dos mundos totalitários conferem nomes que marcam a estranheza, a ruptura das regras de suas sociedades. Portanto, como nos afirma Leenhardt (1990), quem não partilha das normas do poder e o manifesta, torna-se herético, terrorista, parasita, etc. Xavier Crettiez (2009), afirma que definir a violência como um conjunto de temas e feitos que se assemelham facilmente é impossível, pois a violência se apresenta das mais múltiplas formas.

Torna-se raro, portanto, que o poder fale de si próprio em termos de violência. O poder nunca se descreverá violento. De acordo com Vauvenargue *apud* Leenhardt (1990) “Não há violência, nem usurpação, que não se prevaleça da autorização de alguma lei”.

Conforme afirma o Ronaldo Lima Lins em *Violência e Literatura* (1990), durante toda a existência do homem na terra, este se vale da violência como aliada para construir sua vida. Claro, nenhuma das sociedades, ao longo da história, sofre o mesmo tipo de violência, o que, por exemplo, um jovem na modernidade sobre com tal ou qual fato violento que exerce sobre ele uma incrível carga traumática, pode não ter o mesmo efeito se ocorresse algo semelhante a um jovem na Idade Média. Toda a vida e evolução social humana se deu por meio da violência. Todavia, afirma Lins (1990), quando pensamos na modernidade, o

que particulariza nossos tempos é a saída desta mesma violência dos cenários rurais, com sua violência “selvagem”, podemos talvez dizer, e dos campos de batalhas por territórios para o cotidiano urbano. Crettiez (2009) ainda afirma que, devido à falta de vivências e universos comparáveis entre os diversos tipos de violência, esta deve ser nomeada para existir, pois não existe enquanto tal, para todos, “sino que es fruto a la vez de um contexto y de uma luta por poder” (CRETIEZ, 2009, p. 12)

O surgimento de uma sociedade cada vez mais urbana trouxe algo de humano a esta mesma sociedade: a violência. O homem, ainda conforme Lins (1990) é um incapaz de viver sob pressão, qualquer que seja, sem um reagir, este que se dá por meio da violência oferecida por um mundo que não deu a este homem qualquer capacidade de saída, um universo que coloca em conflito eterno um e outro, ou o homem consigo mesmo, então este mesmo homem “...não se limita às esferas da introspecção; transborda, agride, contamina tudo.” (LINS, 1990, p. 52)

Toda a história humana envolve violência, e a partir do surgimento das sociedades complexas e suas formas de escrita, esta violência foi transposta para textos e estes com o avanço das percepções estéticas e culturais transformaram-se no que hoje chamamos Literatura. Todavia se pensarmos a literatura por um viés cronológico, rapidamente a percebemos enquanto um registro, para além de sua forma estético-estrutural cujos detalhes e abrangências não iremos discutir, das mais diversas violências, em diversas obras clássicas o homem cria e resolve conflitos por meio de ações cruéis e violentas.

O sequestro de Helena, a morte de Párclo, a ira de Aquiles, e morte de Heitor, o Cavalo de Tróia, ou seja, todos os principais acontecimentos da *Iliada*, de Homero, são acontecimentos violentos. As tragédias gregas e suas mães que matam cruelmente seus filhos, os espanhóis de Fuenteovejuna que justificam a violência por ela mesma, as narrativas da fome do pós-guerra, e diversas outras em seus entremeios, quase sempre há algum conflito violento quando se trata de Literatura.

Desta forma, nosso objetivo aqui é analisar o conto Cayetana, da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá buscando compreender as questões que permearam a literatura e a sociedade paraguaia, com foco nos abusos sofridos pela personagem principal do conto. A narrativa, que se realiza em caráter cíclico, é narrada em terceira pessoa, a personagem principal da trama, Cayetana é submetida a todo tipo de exploração doméstica na casa de uma família rica, a qual trabalha desde muito nova, por conta da falta de condições financeiras da mãe.

Na narrativa, Cayetana constantemente humilhada e representa, tipicamente, as classes sociais mais pobres de Assunção, desprovida de qualquer tipo de voz e poder. Além dos abusos domésticos, durante a adolescência Cayetana é abusada sexualmente por um sobrinho das donas da casa para quem trabalha. Logo após o ocorrido, talvez por conta da extrema vergonha, não pela coragem de se libertar, a personagem foge, indo para a periferia da cidade. Em seu novo lugar Cayetana dá à luz a uma menina, que terá o mesmo nome, após algum tempo a personagem morre, e a filha, por determinado motivo na trama, vai à casa das antigas patroas de sua mãe, e o ciclo de abusos e violências recomeça.

A violência é reivindicada como um contrapoder por filósofos, moralistas, Marx, Sorel, até por sociólogos ou teólogos da libertação, que reivindicam a derrubada da ordem de poder assumindo uma visão de uma ordem melhor. No entanto, no decorrer das experiências observações sobre o comportamento do homem, vê-se que quando a violência revolucionária se instala no poder, ela se embole como violência e a partir daí legitima seus atos para o Bem que é eleito por tal nova ordem. Então surgem as novas nomenclaturas, loucos, vândalos, feiticeiras. Algo parecido se fará na narrativa de Josefina Plá na qual duas senhoras, aparentemente bondosas e prestativas, exploram de toda forma possível, uma jovem que, também aparentemente, poderia se rebelar, pela própria força física, de quaisquer amarras situacionais que lhe pudessem infringir.

No que diz respeito do texto literário e a tudo o que o envolve devemos ter claro, de acordo com as concepções de Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, que este se faz por fatores externos e sociais, que, todavia, tem a obrigatoriedade de exercer influência na estética da obra de arte literária, do contrário perde função. Para Wellek e Warren a literatura se constrói enquanto instituição social que, por meio da linguagem, cria outras sociedades, estas que, por vezes, se fazem tão violentas quando a que está fora das palavras textuais “[...] a literatura “representa” a “vida”: e a vida é, em larga medida, uma realidade social, não obstante o mundo da Natureza e o mundo interior ou subjectivo do indivíduo terem sido, também, objecto de “imitação literária” (WELLEK, WARREN, s/d, p.113)

Se pensarmos que o texto literário possui um contato muito próximo com a realidade empírica, pois é nesta realidade que ele busca se prefigurar, também podemos aventar que este contato segue uma linha tênue que oscila entre o depender e o rebelar-se, pois sabemos que a literatura não é um objeto de um todo pacífico com o que a cerca, tendo, conforme Ronaldo Lima Lins (1990), enquanto arte função de mudança, não falamos aqui de mudança social, mas na mudança daquele que a compreende enquanto arte, o

apreciador, logo quando refletimos sobre a violência nesta literatura a mudança causada por esta arte ocorre por um momento de choque, no qual o apreciador, pode ver a capacidade do homem, ver-se a si.

No prólogo do livro de contos *El espejo y el canasto* (1996), a autora afirma que a opção pela recorrente temática dos abusos contra a mulher paraguaia se justifica pelo fato de ser mulher e viver no Paraguai. A narrativa se inicia da seguinte maneira:

- Cayetana, andá buscar la carne.
- Cayetana, en Pinozá se vende naranja a cuatro pesos el cien. Andá comprar.
- Cayetana, frégame ese piso que está sucio.
- Cayetana, “enjuaguá” mis medias. Pronto.
- Cayetana, prende el horno. Vamos hacer sopa.
- Cayetana, andá regar mi picardia blanca.

Cayetana hacia todas esas cosas y algunas más. Cayetana servía el mate de mañana, de siesta, de tardecita, mate amargo, mate dulce, mate de coco - yendo y viniendo interminablemente (PLÁ, 1996, p. 105).²

Há um claro abuso sobre Cayetana a todo momento no conto, como se o ócio da personagem incomodasse, o entretenimento de Eulalia e Egidia, mulheres brancas, ricas e com descendência europeia, muito bem quistas pela sociedade da época, é a própria exploração de Cayetana, que não tem descanso. Se fizermos um paralelo com nossas sociedades contemporâneas, percebemos que a crueldade e a violência se toraram um entretenimento. Se pensarmos no significado que vem de tal status, podemos concluir que aquele que entreter significa não sentir, nem para o bem, nem para o mal. O entretido é aquele que deixa passar tudo de forma panorâmica, não reagindo a qualquer estímulo, por mais violento que este possa parecer.

La literatura debe ser entretenida, afirman con frecuencia los propios escritores, y el público asiente. Que obligación mas rara; no debe ser

2 - Cayetana, vá buscar a carne.

- Cayetana, em Pinozá, vende-se laranja a quatrocentos pesos. Vá comprar.

- Cayetana, esfregue este piso que está sujo.

- Cayetana, “lave” minhas meias. Já.

- Cayetana, ligue o forno. Vamos fazer sopa.

- Cayetana, vá regar minha picardia branca.

Cayetana fazia todas essas coisas e mais algumas. Cayetana servia o mate de manhã, na hora da sesta, de tardezinha, mate amargo, mate doce, mate de côco - em um vai e vêm interminável (PLÁ, 2000, p. 105, tradução nossa).

profunda, sino entretenida. El mayor pecado de la literatura, dicen también, es aburrir. Sin embargo, a mi me gustan algunos libros que a ratos me aburren y a ratos me inquietan y sobre todo que a ratos me exigen trabajo. Porque he ahí el quid: lo que entretiene no exige esfuerzo; es inocuo, anodino, puede ser gracioso e ingenioso, ocurrente e incluso inteligente, quizá, en el mejor de los casos, provocar una emoción estética, pero no debe costar trabajo. La literatura como laxante, que no haya que apretar. La literatura como soma, para que no se nos vaya a ocurrir ocupar la mente con algo desagradable o inquietante; no inquietante como un serial killer de mentirijillas, sino inquietante como algo que no nos deja seguir siendo como éramos antes de leer el libro, que nos saca de la cómoda horma en la que hemos ajustado nuestras vidas. (OVEJERO, 2012 p.36)

Uma literatura gratuita é uma literatura que presa o mercado em relação à arte literária, pois como sabemos literatura, aquela com letras maiúsculas que estudamos nos cursos de Letras, não é gratuita. Desta forma, pensamos a violência, na leitura do conto de Plá, em um âmbito em que sua representação não é de forma alguma gratuita, ou seja, como se dá uma sociedade que, durante anos, passou a ter seu cotidiano regido por violências e crueldades de todos os tipos, lembrando que o conto é escrito pouco depois da Guerra do Chaco.

Na construção da personagem principal, podemos perceber a marca linguística dos verbos no modo imperativo. Quase toda referência que vemos provinda de Eulalia e Egidia são modos opressores a Cayetana. Analogicamente, Cayertana, talvez, possa representar grande parcela da população feminina local paraguaia que é oprimida. De acordo com Maria Josele Bucco Coelho, por meio da construção frasal de vocativos que o narrador aproxima a personagem principal de seu leitor que é capaz de substituir Cayertana em seus chamados e afazeres, vivenciando tudo junto à personagem.

Em sua adolescência, Cayetana é abusada por Doutor Eduardo, sobrinho de suas patroas. É neste momento que a personagem desaparece da casa na qual antes sofria “apenas” abusos físicos de afazeres domésticos exploratórios. Por conta da própria condição de Cayetana, menina pobre e descendente indígena, há, por parte de Eulalia e Edigia, a hipótese de que a menina tenha se prostituído e desaparecido, demonstrando também uma parcela de preconceito por parte das senhoras.

Há um período de onze anos na narrativa até que voltam Eulalia e Edigia voltam a ouvir falar o nome de Cayetana novamente, pela voz de uma “verdureira”, conhecida de Cayetana, que passa pela casa das irmãs e em uma conversa ordinária acaba por revelar,

que a antiga criada havia sido abusada, motivo do desaparecimento, que teve uma filha de mesmo nome, e que morreu.

Após receberem essa notícia, as patroas decidem ir atrás da menina, a fim de trazê-la para morar em sua casa, a fim de dar a ela o mesmo destino exploratório da mãe, servindo de criada. Neste período, Eduardo, sobrinho de Eulalia e Egidia, e sua família mudam-se para uma casa próxima à residência das tias. Na última cena, o narrador descreve o filho mais velho de Eduardo, rapaz de quinze anos, observando a jovem Cayetana, iniciando, desta forma, e um processo que resultará em abuso sexual, repetindo-se o ciclo da história de Cayetana-mãe.

No fim da narrativa há um retorno do começo da história, o ciclo de opressão e abusos continuará, sem um fim aparente. Autran Dourado (1973, p. 98) anota que,

[...] o criador amassa e emprega a realidade para criar outra realidade, uma realidade que obedece à complicada geometria literária, ao seu sistema de forças, que nada tem a ver com as ciências física, naturais, ou sociais”, advertindo que a “[...] personagem tem mais a ver com a forma do que com a vida, embora a vida seja o seu alimento diário (DOURADO, 1973 p.100)

Portanto, não causa espanto que a realidade seja tão cruel no que diz respeito às personagens de Josefina Plá. No entanto, é somente por meio da análise da forma como elas são criadas que nos é possível identificar o que está em seu interior. Todo o aparato psicológico das personagens está entranhado no mundo para o qual elas foram criadas.

A violência sofrida pelas personagens de Plá as leva a um estado de silenciamento, retirando-lhes, assim como expresso por Schiller (2011), seu *status* de ser humano, pois ao sofrer a violência elas são obrigadas a algo que vai contra sua vontade, o que anula o conceito de humano ou, pelo menos, o retorno a um estado que se assemelhe ao humano.

O discurso narrativo apresenta a temática da violência contra a mulher mestiça e pobre, tanto em seus aspectos físicos quanto psicológicos, advindos da discriminação racial, do abuso de poder e da certeza da impunidade do opressor.

Josefina Plá parece fotografar com palavras a realidade, sem criticar, critica, como se desejasse ser apenas a mera espectadora dos fatos que relata, limitando-se a transmiti-los com fidelidade, esta fidelidade é facilitada pelo uso da linguagem coloquial em seu entorno. A denúncia social é direta, sem subterfúgios, sem poesia elaborada, a

vida como ela é, contundente, cruel, incisiva. Parece que o narrador, em seu distanciamento, reporta seu leitor a esse mesmo olhar, contundente, cruel, incisivo (OLIVEIRA, 2016, p. 24).

Não há como negar que a violência, das mais diversas miradas que se possa ter, nasce como constituição do homem e de sua cultura. Ela é tida como um membro fundador a partir do qual a própria sociedade se organiza e, como implicação disso, a criação humana e a expressão simbólica também o são. Assim, a história a adapta em temas literários a partir dos quais surgem obras que comportam uma violência de múltiplas nuances, que pode ser encontrada desde os primórdios do que chamamos literatura.

Na modernidade,

[...] a violência alcança patamares tais que escapa e ultrapassa os limites da revolta. Diante de Auschwitz, afirma Adorno, a única forma realmente enfática de protesto seria o silêncio. É este um instante em que toda a racionalidade se deixou derrotar, de nada adiantando a ação e a militância para lutar a favor dela. (LINS, 1990, p.32)

É nesse mesmo patamar que se encontram as personagens criadas por Josefina Plá: a violência que as cerca se torna tão extrema que, cansadas de lutar contra a corrente, as personagens se entregam no final de todas as narrativas, ou silenciando-se por vontade própria, ou abraçadas pelo silêncio da morte. Em *Cayetana*, no entanto, opõe-se a esse contexto de opressão de gênero, raça e classe, pois ao expor situações vividas por muitas mulheres de seu tempo, sua obra propõe o debate sobre a problemática da violência contra a mulher, além de posicionar-se como resistência a essa opressão.

Esta “encantada” que es la mujer paraguaya empieza a desencantarse, a sumarse a la corriente reivindicatoria multifacética en apariencia. Y está bien que así sea, porque en la sensibilidad femenina afincamos, precisamente, la esperanza de que este desgobernado mundo halle por fin un centro espiritual. Si la mujer no avanza más eficazmente en su camino es porque ésta es *una evolución desde el fondo*, y no una *revolución en la superficie* de los hechos. Y porque la transformación de la mujer requiere - grave condición - la transformación simultánea y paralela del hombre en aspectos múltiples. Una transformación a la cual resiste, creyendo defender derechos esenciales de la varonía, cuando el problema no es en absoluto tal (PLÁ, 1987, s/p, grifo da autora)³.

3 Esta “encantada” que é a mulher paraguaia começa a se desencantar, para se juntar à corrente reivindicatória de aparência multifacetada. E é bom que assim seja, porque na sensibilidade feminina

Representar o denunciador não torna a questão sociologia, já que o objetivo de um texto que se diz literário é, acima de qualquer coisa ser um texto de crítica, não necessariamente sociológica ou coisa que o valha. Arte enquanto confronto de alguma coisa externa a ela.

Ainda, sob esta perspectiva de uma sociedade marcadamente patriarcal e repressora da mulher, Del Pino (2002) salienta que:

Josefina Plá pone en evidencia esta realidad histórica a partir del papel desempeñado por la mujer. De ahí que en sus cuentos las féminas recobren el verdadero protagonismo que históricamente les corresponden [...] De esta manera, la ficción se reviste de un nuevo valor crítico-realista, al ser documento o testimonio de la condición de la mujer paraguaya y, por ende, de la sociedad en la que ésta vive (DEL PINO, 2002, p. 02).⁴

Em toda sua obra ficcional, poética, dramaturgica e ensaística, Josefina Plá, sempre deixou clara sua preocupação com as condições da mulher nos meios sociais, em especial as paraguaias; protagonistas de inúmeras histórias suas, e a quem dedica diversos ensaios críticos.

[...] Josefina fue una mujer de carácter fuerte, dominante, y nunca dejó que le ordenaran sus asuntos, papeles y trabajos. Por eso pudo soportar el ser una gran poetisa metida en una sociedad fuertemente dominada por el hombre, como la paraguaya. Y con la vejez el carácter se acentúa y se vuelve irreversible (BARCO, 2003, p. 04).⁵

fincamos precisamente a esperança de que este mundo desgovernado finalmente encontre um centro espiritual. Se a mulher não avançar mais eficazmente em seu caminho, é porque esta é uma evolução profunda, e não uma revolução apenas na superfície dos acontecimentos. E por que a transformação da mulher exige – grave condição – a transformação simultânea e paralela do homem em múltiplos aspectos. Uma transformação que resiste, tentando defender os direitos essenciais da família, quando o problema absolutamente não é este (PLÁ, 1987, tradução nossa).

4 Josefina Plá põe em evidência esta realidade histórica, a partir do papel desempenhado pela mulher. Daí que em seus contos as mulheres recuperam o verdadeiro protagonismo que historicamente lhes correspondem [...] Desta maneira, a ficção reveste-se de um novo valor crítico-realista, ao ser documento ou testemunho da condição da mulher paraguaia e, assim, da sociedade em que vive (DEL PINO, 2002, p. 02, tradução nossa).

5 Josefina foi uma mulher de caráter forte, dominante e nunca deixou que ordenassem seus assuntos, papéis e trabalhos. Por isso pode suportar ser uma grande poetisa inserida em uma sociedade fortemente dominada pelo homem, como a paraguaia. E, com a idade avançada, o caráter acentua-se e torna-se irreversível (BARCO, 2003, p. 04, tradução nossa).

A participação feminina sempre foi considerada como menos importante no contexto cultural e literário. À mulher, cabia ser somente a musa inspiradora, sendo-lhe negada a possibilidade do reconhecimento como escritora ou mesmo a ousadia de manter concepções diferentes e não condizentes com o pensamento das demais mulheres de seu tempo.

Segundo Schmidt (1995):

O feminino como passividade e conformidade, dramatizado na “estética da renúncia”, na “temática da invisibilidade e do silêncio” ou na “poética do abandono” se desdobra na prática representacional de resistência, cujo consciente estiliza o discurso das exclusões (SCHMIDT, 1995, p. 187, grifos do autor).

Embora tenham vivido num âmbito de padrões culturais masculinos, algumas escritoras desafiaram tais padrões e nos deixaram uma gama de obras genuinamente femininas”, como é o caso de Josefina Plá, cuja escrita desafia os padrões sociais excludentes impostos ao feminino, concedendo voz àquelas tantas mulheres “invisíveis”, submetidas ao silêncio, à repressão e à injustiça, que se encontram abandonadas à própria sorte e à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARCO, J. V. P. Em memória de Josefina Plá (1909-1999). In: Exégesis. *Revista de la Universidad de Puerto Rico en Humacao*. Humacao: Universidad de Puerto Rico, n. 39/40, 2001.
- COELHO, Maria Josele Bucco. *Mobilidades culturais na contística rio-platense de autoria feminina: tracejando as poéticas da distância em Josefina Plá e María Rosa Lojo*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- MATEO DEL PINO. Ángeles. Género y nación en Josefina Plá. *Cyber Humanitatis*, n. 22, 2002.
- DOURADO, Autran. Personagem, composição, estrutura. In: _____. *Uma poética do romance*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- LEENHART, Jacques. O que se pode dizer da violência? In.: LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- PLÁ, Josefina. *Cuentos completos*. 2. ed. Assunção: El Lector, 1996.
- _____. Unas palabras previas. *En la piel de la mujer - Experiencias*, Asunción, Paraguay: Grupo de Estudios de la Mujer Paraguaya, 1987.

OLIVEIRA, G. Q. Corpo: experiência e linguagem em Josefina Plá. *Raído*, Dourados, v. 10 , n. 21, p. 90-101, jan./jun. 2016.

OVEJERO, José. *La ética de la crueldad*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2012

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe. (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Universitária/UFRGS, 1995.